

EDITORA 34
Editora 34 Ltda.
Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000
São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2017
Tradução @ Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, 2017
Ensaio introdutório @ Sheila Grillo, 2017

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA
APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

A Editora 34 agradece a Rafael Rocca
pela tradução e revisão dos trechos em alemão.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:
Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:
Cecília Rosas, Danilo Hora, Beatriz de Freitas Moreira

1ª Edição - 2017, 2ª Edição - 2018

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Volóchinov, Valentin, 1895-1936
V142m Marxismo e filosofia da linguagem:
problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem / Valentin Volóchinov;
tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e
Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório
de Sheila Grillo — São Paulo: Editora 34, 2018
(2ª Edição).
376 p.

ISBN 978-85-7326-661-0

Tradução de: Marksizm i filossófia iaziká:
osnovnie problémi sotsiologuitcheskogo
miétoda v nauke o iaziké

1. Linguística. 2. Círculo de Bakhtin.
3. Filosofia da linguagem. I. Grillo, Sheila.
II. Vólkova Américo, Ekaterina. III. Título.

CDD - 410

Marxismo e filosofia da linguagem

Problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem

Ensaio introdutório, *Sheila Grillo* 7

MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Introdução 83

Parte I — A IMPORTÂNCIA DOS PROBLEMAS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM PARA O MARXISMO

1. A ciência das ideologias
e a filosofia da linguagem..... 91
2. O problema da relação
entre a base e as superestruturas 103
3. A filosofia da linguagem
e a psicologia objetiva..... 11.

Parte II — OS CAMINHOS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM MARXISTA

1. Duas tendências
do pensamento filosófico-linguístico 1
2. Língua, linguagem e enunciado 1

Glossário

Sheila Grillo

Ekaterina Vólkova Américo

Ato discursivo individual e criativo ou *ato individual de fala*, ou *ato discursivo* (*individuálno-tvórtcheski akt rié-tchi* ou *individuálni ákt govoriénia*, pp. 140, 148, 153, 200, 225,¹ ou *retchevói akt*, p. 200) — conceito que se origina na obra de Humboldt e é posteriormente desenvolvido na de Potebniá. A língua é um processo constante de criação individual por meio dos atos discursivos dos seus falantes, diferentemente da sua concepção como conjunto de regras gramaticais e de seu léxico, ideia que Humboldt associa ao resultado do trabalho do linguista. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL), o enunciado ora é equiparado ao ato discursivo ora é concebido como um produto deste (p. 200).

Ato social (*sotsiálni akt*, pp. 256, 342, 343, 351) — o acontecimento social de caráter não discursivo (a comunicação no trabalho, cerimônias e rituais religiosos, comícios políticos etc.) que acompanha o enunciado. Em muitos casos, o enunciado é apenas um complemento auxiliar do ato social e não pode ser analisado fora dele.

Compreensão (*ponimánie*, pp. 87, 95, 133-4, 178, 180, 232) — é o processo de contextualização do signo em uma si-

¹ A numeração das páginas se refere à presente edição.

tuação concreta, que ocorre nas consciências do falante e do ouvinte (aquele que compreende). A compreensão envolve sempre a tradução do signo para o contexto de uma possível resposta. Além disso, todo enunciado é formado em um processo de compreensão ativa e responsiva produzida na interação entre falante e ouvinte.

Discurso alheio (tchujáia rietch, pp. 246-62, 317-9) — é a presença do discurso ou enunciado alheio no discurso ou enunciado do autor. Ao ser transferido para o contexto autoral, o discurso alheio mantém o seu conteúdo objetivo e rudimentos da sua integridade linguística. O contexto autoral, por sua vez, elabora as normas estilísticas, sintáticas e composicionais da assimilação parcial do discurso alheio, estabelecendo, dessa forma, uma reação ativa a ele. Discurso alheio e contexto autoral encontram-se em uma inter-relação dinâmica constante. As formas sintáticas estáveis de transmissão do discurso alheio (por exemplo, o discurso direto e o indireto) surgem e se constituem, por um lado, sob a influência das tendências predominantes de percepção do discurso alheio, mas, por outro, por terem se formado e estarem presentes na língua, essas formas exercem uma influência reguladora, estimuladora ou inibidora sobre o desenvolvimento das tendências de percepção avaliativa, determinando sua direção.

Discurso direto (priamáia rietch, pp. 263, 265, 278) — modelo que predomina na língua russa, devido à ausência do período racionalista na sua história, em que o contexto autoral objetivo analisaria e desmembraria o discurso alheio, criando modificações complexas em sua transmissão. Os elementos afetivo-emocionais integram a composição do discurso direto, diferentemente do indireto. Quando a língua percebe o enunciado alheio co-

mo um todo compacto, indivisível, imutável e impene-trável, seu único modelo será o discurso direto (estilo monumental).

Discurso direto preparado (podgotóvlemaia priamáia rietch, pp. 278-80) — é uma modificação do modelo do discurso direto em que o discurso do autor e o discurso alheio se contaminam mutuamente. O discurso direto antecedido pelo indireto ou pelo indireto livre são os tipos mais comuns dessa modificação.

Discurso indireto (kósvemaia rietch, pp. 266-74) — é um modelo de percepção e de transmissão do discurso alheio pouco elaborado na língua russa, que não realiza as transposições dos tempos nem dos modos verbais, bem como dos dêiticos de tempo e de espaço, como ocorre na língua portuguesa. Esse modelo se caracteriza pelo tratamento analítico do discurso alheio, cujos elementos afetivo-emocionais sofrem mudanças e são transferidos da forma para o conteúdo do discurso indireto.

Discurso indireto livre (nessóbstvnaia priamáia rietch, pp. 285-322) — as traduções americana e espanhola trazem “discurso quase direto”, enquanto a francesa e a italiana usam “discurso indireto livre”. Optamos pela segunda versão, pois, em russo, esse fenômeno ocorre nos casos em que, no meio do discurso do narrador, aparecem frases ou expressões cuja entonação pode pertencer ao personagem e não ao narrador. O discurso indireto livre expressa uma orientação ativa do discurso autoral em relação ao discurso alheio. Nele, as ênfases e as entonações autorais se chocam e interferem nas ênfases da palavra alheia no enunciado, diferentemente do discurso substituído, em que não surgem ênfases novas além daquelas já presentes no contexto autoral. Um caso extremo de discurso indireto livre é a “interpretação

absoluta" (*absolútnoie razigrivanie*, pp. 317-8), na qual o contexto autoral é de tal modo contaminado pela voz alheia que esta última ganha autonomia e se coloca ao lado do autor. Em outros termos, as relações entre o discurso do autor e o do personagem se dialogizam como nas réplicas de um diálogo. Uma variação desse caso extremo é a "interpretação parcial" (*tchastitchnoie razigrivanie*, p. 318) em que são possíveis passagens entonacionais gradativas entre o discurso autoral e o discurso alheio.

Discurso interior ou *palavra interior* ou *signo interior* (*vnútrenniia rietch* ou *vnútrennie slovo* ou *vnútrenni znak*, pp. 100, 121, 128, 133, 135-7, 207, 254; 100-1; 127-38) — embora não seja o único, é o principal material signico do psiquismo, necessário para que uma vivência subjetiva tome forma e se torne consciente. Em MFL, o autor trabalha sobretudo o modo como se realiza o discurso interior. Em outros termos, ele se realiza sob a forma das réplicas de um diálogo e suas unidades se ligam segundo as leis da correspondência valorativa (emocional), de enfileiramento dialógico etc., dependendo estreitamente das condições históricas da situação social e de todo o decorrer pragmático da vida. O psiquismo (signo, discurso ou palavra interior) se objetiva por meio da ideologia (signo exterior) e esta se subjetiva no discurso interior, resultando em uma síntese dialética. Ele tem uma orientação social, sendo constituído por entonação e estilo interior.

Discurso verbal (*rietchevóie vistupliénie* ou *sloviésnoie vistupliénie*, pp. 107, 111, 194, 219, 343, 348) — é um dos sinônimos de enunciado, assim como "ato discursivo individual". As formas e os temas dos discursos verbais são determinados pelas condições, formas e tipos de comunicação discursiva. Os discursos verbais estão corre-

lacionados com outros tipos de manifestação e interação por meio de signos como a mímica (expressões faciais), a gesticulação, os atos convencionais e assim por diante.

Ênfase valorativa (*tsénnostni aktsént*, pp. 110, 197, 233), *valor social* (*obsbiéstvennaia tsénnost*, p. 111), *ênfase ideológica* (*ideologuitcheski aktsént*, p. 111), *ênfase social* (*sotsiálni aktsént*, p. 111), *avaliação ideológica* (*ideologuitcheskaia otsénka*, p. 93) — é uma atenção social dada a um conjunto específico e limitado de objetos que obterá uma forma signica. Trata-se de um elemento constitutivo da palavra, isto é, a ênfase valorativa está ligada aos diversos sentidos adquiridos por uma palavra em diferentes contextos de uso. Segundo o autor, tanto a ênfase valorativa quanto o enunciado são ignorados pelo objetivismo abstrato.

Entonação (*intonátsia*, pp. 202, 228-9, 233-6) — componente indispensável do discurso ou da experiência interiores, determinado pela situação social mais próxima. Mesmo uma vivência não externalizada possui entonação interior. São exemplos de entonação: o apelo, a propaganda, o protesto, o pedido etc. A entonação é um dos modos de expressão da ênfase valorativa ou avaliados modos de expressão da ênfase valorativa ou avaliação, podendo, no discurso cotidiano, ser independente da composição semântica da fala. Nos enunciados voltados para um auditório social mais amplo, a entonação perde sua primazia para a ordem e a seleção dos elementos significativos.

Enunciado (*viskázivanie*, pp. 107-9, 132-7, 184-6, 193-7) — é um elo na cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica etc.). O enunciado sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta. A análise do enunciado não pode ser feita dentro dos limites da linguísti-

ca do sistema: aquela tendência de pensamento linguístico que, por meio de uma abstração, isola a forma linguística do enunciado (“objetivismo abstrato”). “Discurso verbal” (*rietchevóie vistupliénie*, pp. 111, 194) e “ato discursivo” (*retchievói akt*, p. 200) são empregados como sinônimos de enunciado.

Esfera da comunicação social organizada (*sfiéra organizóvannogo sotsiálnogo obschénia*, p. 145) — conceito-chave na obra, é entendido como o componente necessário para que uma sequência de sons articulados produzidos por um falante e recebidos por um ouvinte se torne um fenômeno linguístico. Falante e ouvinte devem pertencer à mesma coletividade linguística, à mesma sociedade organizada e devem ser unidos pela situação social mais próxima. Parece ser um sinônimo de ato social (*sotsiálni akt*, p. 256).

Estilo linear (*linéini stil*, pp. 257, 262) — termo emprestado da obra de Heinrich Wölfflin, *Conceitos fundamentais da história da arte* (ed. bras.: tradução de João Azevêdo Jr., São Paulo, Martins Fontes, 2006), na qual é empregado na análise das artes plásticas. Em MFL, o estilo linear é utilizado para descrever e analisar uma tendência de transmissão do discurso alheio que se caracteriza, externamente, por manter contornos bem definidos entre o contexto autorial e o discurso alheio e, internamente, por homogeneizar as linguagens do autor e dos personagens.

Estilo pictórico (*jivopísni stil*, pp. 258, 262, 321) — expressão também emprestada da obra de Wölfflin. Em MFL, caracteriza o estilo de transmissão do discurso alheio em que, externamente, os contornos entre o contexto autorial e o discurso alheio tendem a ser apagados e, internamente, são individualizadas ao extremo as particularidades linguísticas do discurso alheio.

Fato linguístico (*iazikovói fakt*, pp. 156, 166) — nas próprias palavras do autor, representa “um objeto específico da ciência da língua”. Por exemplo, o fonema, enquanto uma identidade normativa, é um objeto da linguística ou um fato linguístico.

Fundo aperceptivo (*appertseptívni fon*, pp. 279, 280) — horizonte espacial e temporal, valorativo e entonacional a partir do qual o discurso alheio é percebido pelo leitor. Esse conceito reaparece nas seguintes obras de Bakhtin: *Teoria do romance I: A estilística*, como “campo aperceptivo” (Editora 34, 2015, p. 54); *Estética da criação verbal*, como “fundo aperceptível da percepção” (Martins Fontes, 2017, p. 302); e *Os gêneros do discurso* (Martins Fontes, 2016, p. 63) ou “fundo aperceptível do destinatário do discurso” (p. 67).

Gênero discursivo (*retchevói janr*, pp. 107-9, 334-5) — compreende o segundo momento no estudo das formas da língua. O primeiro momento é a definição e classificação dos tipos de interação discursiva, a partir dos quais se dá a classificação dos gêneros. Estes são divididos em gêneros da criação ideológica (ou dos sistemas ideológicos constituídos) e do cotidiano ou da vida, sendo que o estudo destes é privilegiado em MFL. A ideologia do cotidiano (ou psicologia social) realiza-se em pequenos gêneros discursivos, que podem ser interiores ou exteriores. A etiqueta verbal, o tato discursivo e as demais formas de adaptação do enunciado à organização hierárquica da sociedade possuem um significado importantíssimo no processo da elaboração dos principais gêneros cotidianos. Cada gênero possui seu próprio conjunto de temas.

Gêneros cotidianos (*jitiéiskie jánri*, pp. 109, 221-2) — são gêneros que surgem em situações informais da comuni-

cação ou interação social, tais como: conversas de salão, conversas no horário do almoço ou no intervalo da faculdade, bate-papos em festas populares, conversas informais durante o trabalho, conversas dos bastidores, troca de opiniões no teatro, no concerto e em todo tipo de reuniões públicas, conversas informais e eventuais, o modo de reagir verbalmente aos acontecimentos da vida e do dia a dia, a formulação verbal da consciência sobre si e sobre a sua posição social etc. O gênero é determinado pelo auditório, e constitui uma parte da situação social. Além disso, ele é um reflexo ideológico do tipo, da estrutura, do objetivo e da composição social da comunicação cotidiana.

Horizonte valorativo (*tsémnostni krugozór*, pp. 237-8), *horizonte social* (*sotsiálni krugozór*, pp. 110-2, 205-7) — é constituído pelo conjunto de interesses e valores, sempre em processo de formação, de um determinado grupo social, bem como do autor e do personagem, na transmissão do discurso alheio. A sua ampliação constante provoca a reavaliação e a redistribuição dos sentidos linguísticos antigos.

Identidade normativa (*normatívnaiá tojdiéstvennost*, pp. 158, 177) — no objetivismo abstrato são os elementos idênticos e normativos, sejam eles fonéticos, gramaticais ou lexicais, que garantem a unicidade de uma língua e sua compreensão por todos os seus falantes.

Ideologia do cotidiano (*jíznenmaia ideológuia*, pp. 99-100, 213-6) — o mesmo que psicologia social na literatura marxista. É o conjunto de vivências e expressões cotidianas de caráter social formado pelo universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que abarca todo nosso ato, ação e estado “consciente”. É formada por duas camadas: a inferior, mais distante dos sistemas ideológicos constituídos, e a superior, mais pró-

xima e sensível a eles. Os sistemas ideológicos constituídos cristalizam-se a partir das camadas superiores da ideologia do cotidiano e exercem uma influência inversa sobre ela.

Interação discursiva (*rietchevóie vzaimodiéstvie*, pp. 217-20), *comunicação social* (*sotsiálnoie obschênie*, pp. 98-9, 110, 220-3), *interação social* (*sotsiálnoie vzaimodiéstvie*, p. 95), *comunicação ideológica* (*ideologuítcheskoie obschênie*, pp. 98-9, 112-3), *comunicação discursiva* (*rietchevóie obschênie*, pp. 107-9), *intercâmbio verbal* (*sloviésni obmién*, p. 145), *comunicação verbal* (*sloviésnoie obschênie*, p. 107), *comunicação verboideológica* (*sloviésno-ideologuítcheskoie obschênie*, p. 255) — apesar da grande variação terminológica, acreditamos tratar-se do mesmo conceito que compreende duas dimensões inter-relacionadas: o modo de formação da consciência pela linguagem e a realidade fundamental da língua. Na primeira dimensão, a consciência ganha existência ao se encarnar nos signos ideológicos, que se formam no processo de interação ou comunicação social de uma coletividade organizada. Portanto, é na comunicação ou interação discursiva que ocorre a interpenetração dialética entre o psiquismo e a ideologia. Entre os signos ideológicos, a palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social. Na segunda dimensão, a interação discursiva é o acontecimento social que ocorre por meio de um ou de vários enunciados, sendo o diálogo sua forma mais importante, apesar de não ser a única. É por meio da interação discursiva que a língua toma forma e está em constante transformação.

Interferência discursiva (*rietcheváiá interferéntsia*, pp. 284-5) — fenômeno linguístico que consiste no entrecruzamento de dois discursos — com tonalidades, ênfases e expressividades distintas — nos limites de uma mesma

frase e até de uma mesma palavra. Esse fenômeno ocorre de modo especial na modificação analítico-verbal do discurso indireto e em suas variantes, quando neste são conservadas não apenas palavras e expressões isoladas, mas sobretudo a construção expressiva do enunciado alheio. O caso mais importante de interferência discursiva é o discurso indireto livre.

Interlocutor ideal (*ideálni sobessiédnik*, p. 205) — toda palavra ou todo enunciado é orientado para um interlocutor e, na sua ausência, esse lugar é ocupado pelo representante médio do grupo social e da época do falante.

Língua ou linguagem (*iazk*) — o idioma russo não faz diferença entre os dois conceitos: a distinção só pode ser estabelecida no contexto. No título de MFL optamos por “linguagem”, assim como os demais tradutores em outras línguas, por essa ser essa a opção que mais corresponde ao domínio disciplinar no qual o autor se insere. Já, por exemplo, na p. 145, optamos por usar “língua” por se tratar de fenômenos fonéticos e fisiológicos envolvidos na comunicação verbal.

Meio social circundante (*sotsiálnaia okrujáiuichaia sredá*, pp. 94, 216), *meio social e ideológico* (*sotsiálnaia ideologuítcheskaia sredá*, p. 97), *meio social* (*sotsiálnaia atmosfera* ou *sotsiálnaia sredá*, pp. 108, 116, 121, 145, 216, 345), *meio social específico* (*spetsifítcheskaia sotsiálnaia sredá*, p. 122), *meio social extracorporal* (*vneteliésnaia sotsiálnaia sredá*, p. 121), *meio social organizado* (*organizóvannaia sotsiálnaia sredá*, p. 146), *meio social mais amplo* (*bólee chirókaia sotsiálnaia sredá*, p. 206) — organização social mais ampla com reflexos imediatos na interação discursiva; lugar de existência e geração de signos ideológicos e da consciência no processo de expressão para o exterior. O meio social amplo juntamente

com situação social mais próxima formam as condições necessárias para que um conjunto físico-psicológico torne-se um fenômeno da linguagem humana. Volóchinov ressalta que o meio social e a situação social mais próxima são constituídos por diversos tipos e modos de relações (contatos sociais), nem todos eles necessários para a compreensão dos fatos linguísticos. A estrutura do enunciado é determinada ou tem seu centro organizador na situação social mais próxima e no meio social mais amplo (ver verbete *Situação social mais próxima*).

Modelo do discurso direto (*chablón priamói riétchi*, p. 276) — é muito comum na linguagem literária e possui diversas variantes. Nas obras literárias antigas, esse modelo se constituía em um bloco sólido e volumoso e, nas obras contemporâneas, a sua intromissão no contexto autoral é mais flexível e ambígua. O autor de MFL menciona uma modificação em que o discurso autoral ataca o discurso alheio, mas se concentra na descrição das modificações em que ocorre uma contaminação mútua entre o contexto autoral e o discurso alheio.

Modificação analítico-objetual (*predmiétno-analitítcheskaia modifikátsia*, p. 272) — uma das modificações do discurso indireto pertencente ao estilo linear que prioriza os aspectos temáticos do discurso alheio e mantém uma distância clara entre o discurso alheio e o autoral. Essa modificação proporciona amplas condições para que o discurso autoral comente o alheio, tornando-o despersonalizado.

Modificação analítico-verbal (*sloviésno-analitítcheskaia modifikátsia*, p. 273) — é uma das modificações do discurso indireto, pertencente ao estilo linear, por meio da qual se introduzem palavras e modos de dizer do discurso alheio que caracterizam seu estilo individual enquanto

expressão. Essa modificação procura salientar o modo típico de falar do sujeito citado, introduzindo, normalmente, suas palavras entre aspas.

Modificação discurso alheio antecipado, disperso e oculto no contexto autoral (*modifikátsia predvoskhischiónniaia i rassiéiannaia tcbujáia riétch, zapriátannia v ávtorskom kontiékste*, p. 280) — é um caso do fenômeno da *interferência discursiva* (ver *verbete*), no qual o contexto autoral é perpassado pelo modo de dizer e pela entonação do(s) personagem(ns). O autor pode usar essa modificação para ironizar as expressões e o universo valorativo do personagem.

Modificação discurso direto reificado (*modifikátsia oveschestliónnaia priamáia riétch*, p. 279) — é uma modificação em que o autor fornece uma rica descrição do personagem, que se torna mais importante do que o conteúdo da sua fala. A diminuição do peso semântico da palavra alheia é inversamente proporcional ao aumento do seu caráter original e pitoresco.

Modificação discurso direto retórico (*modifikátsia ritorítcheskaia priamáia riétch*, p. 285) — é uma modificação linear do discurso direto, de caráter persuasivo, que se aproxima do discurso indireto livre. São variantes dessa modificação a *pergunta retórica* (*ritorítcheski vopros*, pp. 285-6, 316) e a *exclamação retórica* (*ritorítcheskoie vosklitsánie*, p. 285) que se encontram no limite entre o discurso do autor e o alheio, podendo ser interpretadas tanto como a fala de um quanto a do outro. No entanto, a atividade do autor prevalece, uma vez que ele fala em nome do personagem. Outra variante é o *discurso direto substituído* (*zameschiónniaia priamáia riétch*, p. 287), em que o autor como que fala no lugar do seu personagem, substituindo o seu discurso e dizendo aquilo

que este poderia ou deveria falar. Ambos os discursos — do autor e do personagem — possuem a mesma direção entonacional.

Modificação impressionista (*impressionistítcheskaia modifikátsia*, p. 277) — é uma modificação considerada essencial na língua literária russa pelo autor de MFL., utilizada para transmitir de modo bastante livre o discurso interior dos personagens, abreviando-o ou apenas apontando seus principais temas. Esta variante se situa num meio-termo entre a modificação analítico-objetual e a analítico-verbal.

Monumento (*pámiatnik*, pp. 184-6) — é um enunciado escrito, finalizado e monológico, isto é, refere-se a grandes obras da tradição literária passada, muitas das quais produzidas em línguas mortas.

Orientação social da vivência (*sotsiálnaia orientiróvka pereživánia*, p. 207) — toda a vivência interior é formada a partir de uma orientação exterior, constituída pelo contexto social mais próximo, pelo destinatário potencial, pela entonação.

Palavra (*slovo*, pp. 91-2, 98-102, 106-8, 135-7) — tem um significado amplo, que compreende desde a unidade lexical até a “linguagem verbal em uso” ou o enunciado e o discurso. A palavra como sinônimo de enunciado é desenvolvida no último parágrafo do livro, onde o autor utiliza o termo composto “palavra-enunciado” (*slovo-viskázivanie*). A palavra é uma ponte entre o falante e o interlocutor, pertencente a ambos. No livro, o conceito de palavra engloba a linguagem verbal, presente em todas as esferas da criação ideológica e na ideologia do cotidiano. A palavra acompanha todo ato de compreensão e de interpretação. Na tradução brasileira de *Problemas da poética de Dostoiévski* (Rio de Janeiro,

Forense Universitária, 2008), Paulo Bezerra traduziu o título do último capítulo, "Slovo u Dostoiévskogo", como "O discurso em Dostoiévski", compreendendo que se trata não apenas da unidade lexical, mas também da expressão verbal em geral.

Palavra alheia (*tchujóie slovo*, pp. 187-96) — é a presença da língua estrangeira sob a forma de uma língua religiosa arcaica (por exemplo, o eslavo eclesiástico na Igreja Ortodoxa Russa ou o latim na Igreja Católica) ou da língua de um povo conquistador. Essa presença é essencial para a formação da distinção entre *palavra própria* (*svoió slovo*, p. 188) e palavra alheia, para a constituição dos filosofemas da palavra alheia e para o surgimento dos estudos linguísticos e filosóficos modernos.

Participantes sociais imediatos (*blijáichie sotsiálnie utchástniki*, p. 207) — são os participantes do evento do enunciado, sobretudo o falante e o(s) interlocutor(es). Juntamente com a situação social mais próxima, eles determinam a forma e o estilo do enunciado.

Passagem imediata do discurso indireto ao direto (*neposrédstvenni perekhód kósvennoi riétchi v priamúiu*, p. 274) — em MFL salienta-se a necessidade de diferenciar este caso da modificação analítico-verbal — ainda que se considerem suas funções muito próximas — pois a subjetividade discursiva do discurso citado torna-se mais clara ao mesmo tempo em que segue a direção escolhida pelo discurso do autor citante.

Percepção ativa (*aktívnoe vospriátie*, p. 252) — compreende a percepção do discurso alheio pelo interlocutor. É composta de dois momentos: primeiro, a réplica interior (*vnútrenneie replitsírovanie*, p. 254) e, segundo, o comentário real (*reálnoe kommentírovanie*, p. 254).

Reconhecimento (*uznavánie*, pp. 111, 178-80) — é a ação de identificação do sinal como algo imutável e idêntico a si mesmo.

Significação (*znatchiénie*, pp. 91-3, 117-20) — é o limite inferior do significar linguístico, compreendido pelos elementos estáveis e idênticos a si mesmos em todas as suas enunciações; são uma parte necessária e inseparável do enunciado, ligada às unidades da língua. Apesar da sua especialização no último capítulo da segunda parte, o termo aparece ao longo do livro todo e é também utilizado para definir o "significado" do signo linguístico em Saussure, ainda que na tradução russa do *Curso de linguística geral* publicada em 1933, ou seja, quatro anos após a primeira edição de MFL, tenha sido utilizado o *znatcháemoe* para o "significado" do signo, termo empregado até os dias de hoje.

Signo ou **signo ideológico** (*znak*, p. 91, ou *ideologuitcheski znak*, pp. 92-4) — dividem-se em signo interior (*vnútrenni znak*) e signo exterior (*uniéchni znak*), sem traçar um limite preciso entre ambos. O signo interior é a vivência no contexto de um psiquismo individual, determinado por fatores biológicos e biográficos. O signo exterior existe em um sistema ideológico coletivo e surge no processo de interação entre indivíduos socialmente organizados. Suas formas são condicionadas pela organização social desses indivíduos, pelas condições mais próximas da sua interação, do horizonte social da época e de dado grupo social: ou seja, a existência determina e refrata-se no signo. O signo é a realidade material da ideologia. Os objetos que chamam a atenção da sociedade entram no mundo da ideologia, se formam e se fixam nele, tornando-se signos ideológicos ao adquirirem uma ênfase social. A realidade que se torna objeto do signo constitui o seu tema. Uma vez que as diferen-

tes classes sociais compartilham os mesmos signos, neles se cruzam ênfases multidirecionadas e portanto um signo se torna o palco da luta de classes. O signo pode tanto refletir quanto distorcer a realidade.

Sinal (*signal*, pp. 177-80) — é um objeto internamente imóvel e unitário; um meio técnico pelo qual se aponta para algum objeto (definido e imóvel) ou para alguma ação (também definida e imóvel).

Situação social concreta (*konkriétnaia sotsiálnaia situátsia*, pp. 107-8, 134), *acontecimento da comunicação social mais próximo* (*blijáichee sotsiálnoie sobítie obschiéna*, p. 145), *situação social mais próxima* (*blijáichaia sotsiálnaia situátsia*, pp. 145-6, 204, 206, 211, 235) — compreende o contexto situacional em que ocorre o encontro entre os participantes do processo de comunicação, sendo necessária, juntamente com a esfera da comunicação social organizada, para a delimitação da essência da linguagem. A situação mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo do enunciado (ver verbete *Meio social circundante*).

Tema (*tiéma*, pp. 108, 111-2, 227-38, 249-50, 311-2) — é o limite superior e indivisível da capacidade de significar; ele é o aspecto mutável e instável do significar, pois está ligado ao todo do enunciado na sua relação com a situação histórica concreta. O tema se apoia nas significações estáveis e estas só existem como elementos do tema. Apenas uma compreensão responsiva pode dominar o tema.

Vivência (*perejivánie*, pp. 117-27) — é um conceito originário da filosofia alemã (Dilthey). Em MFL, a vivência é associada ao signo interior (ver verbete *Signo*).

Vivência do eu (*iá-perejivánie*, p. 208) — um dos dois polos entre os quais a vivência se caracteriza por um grau menor de acabamento ideológico, aproximando-se da

reação fisiológica de um animal e perdendo sua forma verbal.

Vivência do nós (*mi-perejivánie*, p. 208) — é o polo oposto à “vivência do eu”, caracterizado por graus variados de orientação social da consciência.

Sobre o autor

Valentin Nikoláievitch Volóchinov nasceu em São Petersburgo em 1895. Ainda antes da revolução tornou-se amigo de Mikhail Bakhtin e frequentou encontros da sociedade mística Rosacruz. Estudou na Faculdade de Direito da Universidade de Petersburgo, mas em 1916 teve de interromper o curso. Entre 1919 e 1922 se estabeleceu em Vitebsk, onde publicou artigos sobre música e deu palestras sobre crítica de arte e literatura na Primeira Universidade Proletária, fundada por Pável Medviédev. Nesta época integra o chamado Círculo de Bakhtin, grupo que se reunia em torno do intelectual russo e era formado por Volóchinov, Medviédev, Maria Iúdina, Matvei Kagan, Lev Pumpianski e Ivan Solertinski, entre outros. De volta a Petersburgo, graduou-se na então Universidade de Lenigrado (atualmente SPBGU, Universidade Estatal de São Petersburgo) em 1924, no departamento de Ciências Sociais, com especialização em Linguística. Foi pesquisador e depois docente no Instituto da História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV), e professor no Instituto Pedagógico Aleksandr Herzen, no Instituto da Cultura da Linguagem (IRK), e no Instituto de Práticas Avançadas para Trabalhadores Manuais (LIPKRI). Neste período produziu suas obras mais importantes, como o artigo "A palavra na vida e a palavra na poesia" (*Zvezdá*, nº 6, 1926) e os livros *O freudismo: um esboço crítico* (1927) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Em seus últimos anos, devido à tuberculose, teve de se afastar do trabalho e até mesmo da leitura. Morreu em 1936 no sanatório de Tsárskoie Sieló.

Sobre as tradutoras

Sheila Vieira de Camargo Grillo nasceu em 1968 em Tatuí, SP. É formada em Letras pela Universidade de São Paulo, mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp e doutora em Linguística pela USP. Atuou como doutoranda, pós-doutoranda e pesquisadora nas universidades Paris X-Nanterre, Stendhal Grenoble III e no Instituto Górkí da Literatura Mundial (Moscou). É líder, juntamente com Flávia Silvia Machado, do grupo de pesquisa “Diálogo” (USP/CNPq) e integra os grupos de pesquisa GE-DUSP (Grupo de Estudos do Discurso, da USP) “Linguagem, identidade e memória” e o GT de “Estudos Bakhtinianos” da ANPOLL. É professora na área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. É autora do livro *A produção do real em gêneros do jornalismo impresso* (Humanitas/Fapesp, 2004) e tradutora, juntamente com Ekaterina Vólkova Américo, de *O método formal nos estudos literários*, de Pável Medviédev (Contexto, 2012), *Questões de estilística no ensino da língua*, de Mikhail Bakhtin (Editora 34, 2013) e *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Valentin Volóchinov (Editora 34, 2017).

Ekaterina Vólkova Américo nasceu em 1978, em Moscou. Formou-se em História, Literatura e Cultura Russa e Hispano-Americana pela Universidade Estatal de Ciências Humanas de Moscou. É mestre e doutora em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo e professora de Língua e Literatura Russa da Universidade Federal Fluminense. Publicou, em coautoria com Gláucia Fernandes, o manual *Fale tudo em russo!* (Disal, 2013). Tem diversas traduções publicadas, entre elas, os livros *O método formal nos estudos literários*, de Pável Medviédev (Contexto, 2012), e *Questões de estilística no ensino da língua*, de Mikhail Bakhtin (Editora 34, 2013), ambos em parceria com Sheila Grillo, e os artigos “Sobre o significado das obras de arte para a sociedade”, de Pável Ánnenkov, e “Púchkin”, de Fiódor Dostoiévski (ambos em colaboração com Graziela Schneider), para a *Antologia do pensamento crítico russo* (Editora 34, 2013), além de textos de Iúri Lotman, Mikhail Bakhtin, Piotr Bogatyriov e Roman Jakobson, entre outros.

Obras do Círculo de Bakhtin publicadas pela Editora 34

Mikhail Bakhtin, *Questões de estilística no ensino da língua*, tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, apresentação de Beth Brait, São Paulo, Editora 34, 2013.

Mikhail Bakhtin, *Teoria do romance I: A estilística (O discurso no romance)*, tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2015.

Mikhail Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2016.

Valentin Volóchinov, *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, ensaio introdutório de Sheila Grillo, São Paulo, Editora 34, 2017.

Mikhail Bakhtin, *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*, organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2017.

Mikhail Bakhtin, *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2018.